

## TENDÊNCIA DAS DESIGUALDADES NA MORTALIDADE POR HIV NO BRASIL, 2011-2020

GABRIELLA MANGUCCI GODINHO<sup>1</sup>; BRUNO BEZERRA SILVA<sup>2</sup>; RENAN BORGES SOARES<sup>3</sup>; MURILO SILVEIRA ECHEVERRIA<sup>4</sup>; MARIANA SILVEIRA ECHEVERRIA<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Discente da Faculdade de Medicina da UFPel – [godinhogabriella@gmail.com](mailto:godinhogabriella@gmail.com)

<sup>2</sup>Discente da Faculdade de Medicina da UFPel – [brunobezerra7399@gmail.com](mailto:brunobezerra7399@gmail.com)

<sup>3</sup>Discente da Faculdade de Medicina da UFPel – [renan.soares.b@gmail.com](mailto:renan.soares.b@gmail.com)

<sup>4</sup>Discente da Faculdade de Medicina da UFPel – [murilo\\_echeverria@hotmail.com](mailto:murilo_echeverria@hotmail.com)

<sup>5</sup>Discente do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da UFPel – [...]

### 1. INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é analisar a variação nas desigualdades sociais na mortalidade específica notificada como sendo causada pelo HIV no Brasil entre 2011 e 2020. O HIV é um acrônimo para Vírus da Imunodeficiência Humana, que causa a AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) ataca o sistema imunológico, responsável por proteger o organismo das doenças. O HIV é transmitido através do sexo desprotegido (vaginal, anal ou oral) sem uso de preservativo com uma pessoa HIV-positivo (ou seja, alguém que já está infectado pelo HIV) compartilhando objetos pontiagudos contaminados (como agulhas, seringas, etc.). , de uma mãe HIV-positiva não tratada para seu filho durante a gravidez, parto ou amamentação.

Quando infectado com o vírus que causa a AIDS, o sistema imunológico começa a atacar e durante o primeiro estágio, chamado de infecção aguda, que ocorre o período de incubação do HIV – desde a exposição ao vírus até os primeiros sinais da doença. Tempo que varia de 3 a 6 semanas. Leva de 8 a 12 semanas para o corpo produzir anticorpos anti-HIV após a infecção. Os sintomas iniciais são muito semelhantes aos da gripe, como febre e mal-estar, portanto, a maioria dos casos é ignorada, se houver suspeita de infecção pelo HIV necessário a execução do teste. O HIV-1 originou-se na África Central na primeira metade do século 20, quando um vírus de chimpanzé intimamente relacionado infectou humanos pela primeira vez, sendo que a disseminação global do HIV-1 começou no final da década de 1970, com a primeira detecção da AIDS em 1981.

Em 2019, aproximadamente 38 milhões de pessoas em todo o mundo viviam com HIV, incluindo 1,8 milhão de crianças com menos de 15 anos. Em 2019, cerca de 690.000 pessoas em todo o mundo morreram de doenças relacionadas à AIDS, em comparação com 1,9 milhão em 2004 e 1,4 milhão em 2010. Cerca de 1,7 milhão de pessoas, incluindo 150.000 crianças, foram infectadas pelo HIV em 2019, em comparação com 3,4 milhões de novas infecções em 1996. A maioria (86%) das novas infecções ocorreu em países em desenvolvimento; mais da metade eram mulheres na África Subsaariana. Em muitos países da África Subsaariana, no entanto, novas infecções por HIV caíram acentuadamente, em parte devido aos esforços internacionais para fornecer estratégias de tratamento e prevenção.

## 2. METODOLOGIA

O presente trabalho se trata de um estudo transversal, de painel, com dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/DATASUS) entre o período de 2011 a 2020. A variável de desfecho foi a mortalidade específica pelo HIV, que foi construída através da razão simples entre as mortes por esta doença e a totalidade das mortes.

As variáveis de exposição consideradas foram: região geográfica, sexo e faixa etária. A prevalência do desfecho foi apresentada de acordo com os diferentes estratos das variáveis de exposição em cada um dos anos correspondentes ao período de análise. O presente estudo não tramitou em comitê de ética por utilizar dados de acesso universal e que não permitem a identificação dos indivíduos nele contidos.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre 2011 e 2020 foram registrados cerca de 12,8 milhões de falecimentos no Brasil, sendo que cerca de 118 mil foram notificados como tendo sido causados pela “Doença por HIV”. Esta mortalidade foi mais observada em homens entre 20 e 59 anos na região sudeste (Tabela 1).

Tabela 1. Descrição da amostra conforme variáveis de exposição, SIM/DATASUS, Brasil, 2011-2020

	Mortalidade por HIV n (%)	Mortalidade por todas as causas n (%)
<b>Sexo</b>		
Feminino	39.933 (33,6)	5.642.381 (43.7)
Masculino	78.920 (66,4)	7.250.614 (56.2)
<b>Faixa etária</b>		
Até 20 anos	1.723 (1.5)	712.924 (5.5)
Entre 20 e 59 anos	103.919 (87.6)	3.658.382 (28.4)
60 anos ou mais	12.988 (10.9)	8.495.517 (66.0)
<b>Região geográfica</b>		
Centro-Oeste	7.613 (6.4)	849.775 (6.6)
Nordeste	24.987 (21.0)	3.393.047 (26.3)
Norte	11.459 (9.6)	804.709 (6.2)
Sudeste	51.038 (42.9)	5.882.485 (45.6)
Sul	23.783 (20.0)	1.969.117 (15.3)

Figura 1. Mortalidade específica por HIV conforme sexo, SIM/DATASUS, Brasil, 2011-2020

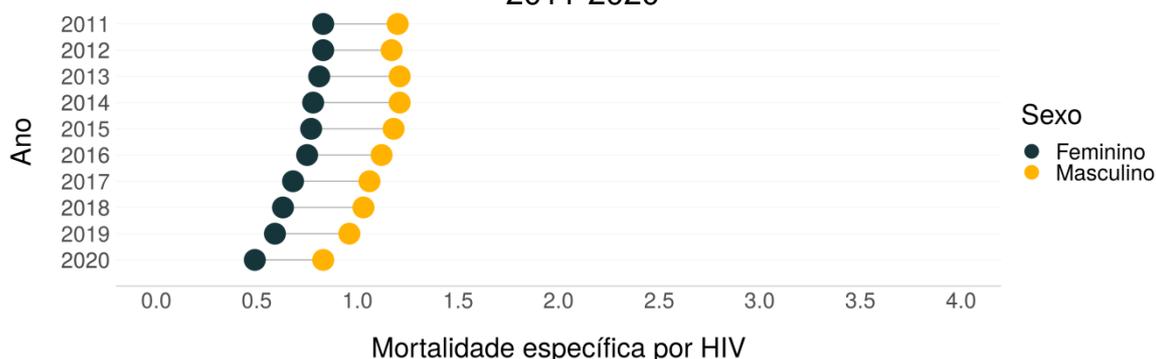


Figura 2. Mortalidade específica por HIV conforme faixa etária, SIM/DATASUS, Brasil, 2011-2020

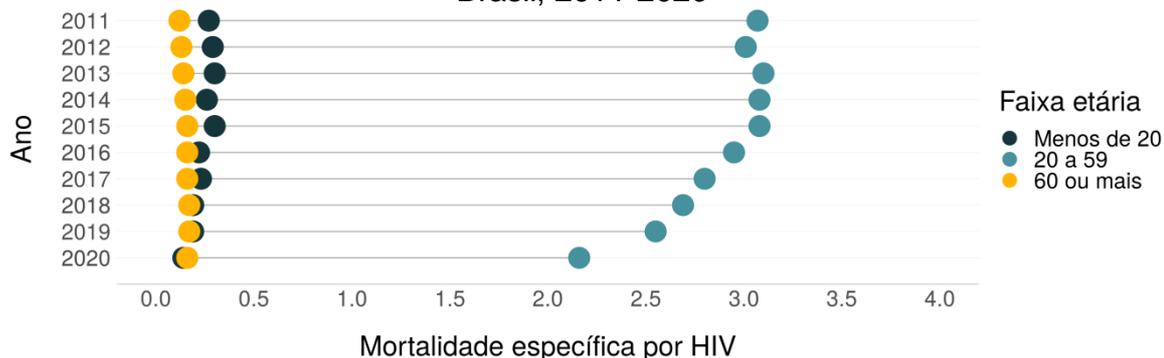
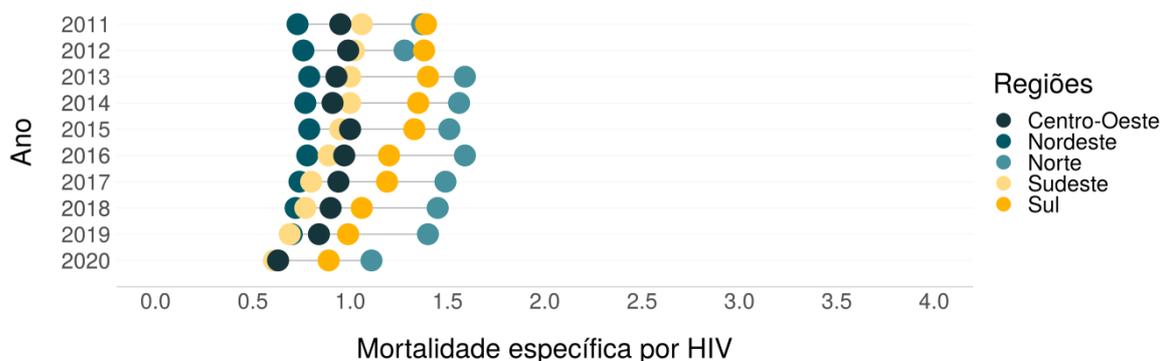


Figura 3. Mortalidade específica por HIV conforme região geográfica, SIM/DATASUS, Brasil, 2011-2020



Embora a taxa de incidência venha diminuindo desde 2011, quando atingiu o maior valor analisado, passando de 22,0 casos por 100.000 habitantes para 18,3 casos por 100.000 habitantes preocupa. A epidemia de HIV é um fenômeno mundial que depende de diversos fatores do comportamento humano individual e coletivo e pode afetar todas as classes sociais, gêneros e faixas etárias. O perfil epidemiológico dessa epidemia está mudando atualmente, tornando a coleta e análise desses dados fundamentais para avaliar os riscos enfrentados por determinados subgrupos.

Quanto ao fator escolaridade, os resultados obtidos neste estudo mostraram que a prevalência foi maior entre os indivíduos menos escolarizados das 5ª a 8ª séries com menor escolaridade. Segundo **Fonseca et al.**, esses números se devem a indivíduos desfavorecidos socioeconomicamente e menos escolarizados, que acreditam ser um agravante na disseminação do vírus. Menos educação sugere menos conhecimento específico sobre a doença, o que dificulta a melhor compreensão do risco de infecção, e pesquisas mostra que a informação é a forma mais eficaz de prevenir o HIV.

Em contrapartida, a julgar pelos dados expostos anteriormente, o número de pessoas com ensino superior, ensino médio completo, ensino superior incompleto e conclusão do ensino superior também apresentaram valores muito elevados, que juntos representaram 35% do total. Esse fato decorre desde o início do surto no Brasil, que começou com as classes mais altas, com níveis mais elevados de escolaridade, e posteriormente a propagação do vírus progrediu para as demais classes. Segundo levantamento do Ministério da Saúde, a alta proporção de casos com ensino superior atualmente se deve ao fato de que as pessoas, embora saibam se prevenir, ainda veem a AIDS como algo distante da realidade.

## 4. CONCLUSÕES

Conclui-se que a partir dos dados analisados acima, homens, com idade entre 20 e 59 anos, na região norte tem maior número de óbitos pelo vírus. O número de infectados aumentou no decorrer dos anos, uma vez que após os tratamentos, informações de qualidade, fez com que as pessoas perdessem o medo. Embora haja uma política pública que enfraqueceu no decorrer dos anos, que pregue o uso de preservativo, ainda assim, pessoas se expõe ao risco, uma vez que devido a normalização da convivência com o vírus, enfraqueceu a mídia a propagar como se proteger. Outro tópico a ser analisado que o gênero é parte integrante das relações sociais e dá sentido às relações de poder, o que é importante para a orientação sexual. Inserir o conceito de vulnerabilidade social, que envolve aspectos contextuais e coletivos que interferem diretamente na suscetibilidade do indivíduo à doença e recursos para prevenção e tratamento.

Nos homens, as questões de gênero são impostas nas relações entre homens e mulheres, e entre homens e outros homens, devido à chamada "masculinidade hegemônica". As práticas que podem contribuir para a suscetibilidade ao HIV, como a multiparceria sexual, o uso de drogas ilícitas e o consumo de bebidas alcoólicas, acabam sendo naturalizadas e não associadas a uma maior suscetibilidade ao HIV. Um indicador dessa naturalização é que, em comparação com homens que fazem sexo com homens, prostitutas e usuários de drogas, menos estudos sobre AIDS envolvem homens que se identificam como heterossexuais quando comparados aos HSH, profissionais do sexo e usuários de drogas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, Ana Maria de; CASTILHO, Euclides Ayres de; SZWARCOWALD, Célia Landmann. **AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada**: aids and hiv infection in brazil: a multifaceted epidemic. AIDS and HIV infection in Brazil: a multifaceted epidemic. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbmt/a/zBSKHBDyfvfz7cLQp7fsSBg/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

Szwarcwald CL, Castilho EA. Estimativa do número de pessoas de 15 a 49 anos infectadas pelo HIV, Brasil, 1998. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro 16 (supl 1):135-141, 2000

Dhalia C, Barreira D, Castilho EA. A AIDS no Brasil: situação atual e tendências. Boletim Epidemiológico - AIDS XIII (1): 3-13, SE 48/99 a 22/00, 2000.

STD. Centers For Disease Control And Prevention. Division Of Hiv Prevention. **About HIV**. 2018. Disponível em: <https://www.cdc.gov/hiv/basics/whatishiv.html>. Acesso em: 20 ago. 2022.